

EXERCENDO A CLÍNICA PRIVADA

1. Eu sei que você manteve um movimentado consultório particular, durante alguns anos, em Fortaleza. Como brotou a ideia de montar esse consultório?

Paulo: Em 1976, quando aguardava a minha convocação para o INAMPS, percebi que havia chegado a época de abrir um consultório particular. Era um projeto longamente pensado, porém, até então, irrealizável. Na carreira militar, as transferências eram muito frequentes (inclusive para nós, médicos), e eu antevia que, servir em Fortaleza, onde poderia angariar clientela, estava sendo uma questão circunstancial. Assim é que, em apenas cinco anos como oficial médico do Exército, eu já residira no Rio de Janeiro, no Amazonas e, por fim, no Ceará. Para permanecer em Fortaleza e poder assumir os cargos no INAMPS, então solicitei minha demissão do Exército.

2. Onde foi que você estabeleceu o seu consultório particular? As instalações e os equipamentos eram apropriados para prestação de serviço liberal?

Paulo: Solteiro, eu tinha recém-adquirido um apartamento no bairro de Fátima para morar. Um apartamento térreo, situado em uma avenida de grande movimento, e cujo modo de divisão dos cômodos possibilitava a utilização como consultório, sem comprometer a finalidade residencial. Como acontece a todo médico, eu já possuía alguns dos equipamentos necessários ao funcionamento de um consultório; outros, porém, como negatoscópio, fichário e balança antropométrica, eu precisei adquiri-los.

3. Eu recordo bem de sua primeira moradia, situada na esquina das avenidas Aguanabi e Treze de Maio, de frente ao Hospital Antônio Prudente. Era um consultório bem localizado e fácil de ser achado, mas com certa dificuldade para estacionar. Que apetrechos se fizeram necessários para pôr em funcionamento esse empreendimento?

Paulo: Fichas clínicas, blocos de receituários e cartões de visita foram impressos numa gráfica. Ainda não existiam os microcomputadores com impressoras, naquela época. Por fim, providenciei a instalação de uma placa de acrílico na fachada do consultório. Anunciava o meu nome, as especialidades (pneumologia e clínica geral) e os horários de atendimento. Seriam diários e noturnos. E minha irmã Magna, então universitária do Curso de Agronomia, inicialmente me ajudaria na função de atendente do consultório.

4. Eu me lembro de que os primeiros meses foram penosos, de acentuada escassez de pacientes. Você, inclusive, por pura autogozoção, propôs à Magna substituir o salário a que fazia jus, por uma divisão “fifty-to-fifty” do arrecadado, e ela, peremptoriamente, recusou. Como você superou os entraves dos primeiros tempos de consultório?

Paulo: De fato, por serem escassos os clientes naqueles primeiros tempos, cheguei a temer pela sorte do meu empreendimento. Daí o meu empenho em divulgá-lo no bairro, no círculo de amigos e no serviço público. Com paciência quanto aos resultados e procurando realizar um trabalho sério, a clientela foi-se consolidando. Isto se tornou mais evidente depois que eu celebrei alguns convênios. Com o Banco Central, a Petrobrás, o Banco do Brasil, o Banco do Nordeste do Brasil, a Patronal e a Nuclebrás, entre outros.

5. Que tipos de serviços e de procedimentos você oferecia à sua clientela privada?

Paulo: Além das consultas, dos exames admissionais de candidatos a empregos e dos tratamentos hipossensibilizantes (vacinas) que eram feitos em meu consultório, eu

atendia pacientes em seus domicílios ou hospitalizados. Também era solicitado a dar assistência médica a candidatos em provas de concursos públicos, o que geralmente acontecia em dias não úteis. O trabalho de um médico que opta pela clínica privada, como se sabe, não se limita ao ambiente e aos horários do consultório.

6. Creio que o crescimento da sua clientela gerava problema de acomodação em um local que possuía dupla serventia, de moradia e de trabalho, sem ter sofrido as costumeiras adaptações arquitetônicas. Como foi a mudança para o seu segundo consultório?

Paulo: Um dia, no Hospital de Messejana, o colega Hilário Ehrich de Menezes, que estava concluindo a residência médica em cardiologia, me falou que estava a organizar um consultório. E me convidou para associar-me a ele no empreendimento. Por coincidência, eu tinha colocado à venda o apartamento do bairro de Fátima e estava prestes a me mudar para outro, em Dionísio Torres, o qual, por ser um imóvel de natureza exclusivamente residencial, tornava impraticável a transferência do meu consultório para o local. Aceitei o convite do colega.

7. Conheci o Hilário nos tempos de faculdade. Fomos contemporâneos, mas ele terminou na turma de dezembro de 1976, um ano antes da minha. Era bom aluno e foi nosso monitor quando cursei Histologia. Como eram as condições de atendimento nesse novo consultório?

Paulo: Hilário e eu passamos a atender nossos pacientes na Clínica Aldeota, na rua Monsenhor Bruno, num imóvel construído exatamente para esse fim. Tinha todas as funcionalidades necessárias. E este novo endereço veio a ser o local em que por mais tempo tive o meu consultório. Além de nós, alguns outros colegas chegaram a ter horários de atendimento na sala que usávamos, mas não por muito tempo. Foi na Clínica Aldeota que comecei também a realizar espirometrias em um espirômetro de fole, modelo “Vitalograph” (*figura*), adquirido de um anestesiológista.



8. Pelo que se nota, o seu xodó pela espirometria é bastante remoto, no sentido de antigo. Ao que me consta, além da Clínica Aldeota, a dupla Hilário-Paulo ainda teve o seu consultório em outro local, não?

Paulo: Sim. Mas não recordo bem o motivo por que deixamos a Clínica Aldeota e nos transferimos para outra clínica, situada na avenida Heráclito Graça. Como na vez anterior, coube a descoberta do novo local a Hilário. Era uma clínica com vários consultórios e com uma grande sala de espera, na qual se destacava um balcão central,

onde ficavam várias atendentes. A nova clínica suplantava a anterior no “quesito apresentação”, porém a nossa sala de trabalho tinha dimensões bem pequenas. Era uma saleta. E nela nos arranjamos para atender nossos pacientes e ainda fazer eletrocardiografias (Hilário) e espirometrias (eu).

9. O seu consultório particular, ia, como se diz, de vento em popa, amealhando sempre novos clientes, sem quase perdas dos antigos, quando você decidiu encerrar a sua prática liberal. Por que você tomou a decisão de fechar o seu consultório?

Paulo: Bem! Somente para recapitular: aquele foi o terceiro e último endereço de meu consultório. Um dia, em 1988, tomei a decisão de não mais atuar na clínica privada. Com tristeza comuniquei a minha decisão a Hilário, que tinha sido um grande parceiro e amigo em todos aqueles anos. Pesaram dois fatores para que eu tomasse tal decisão: os repetidos congelamentos ditados pelos planos econômicos sobre os valores com que os procedimentos médicos eram remunerados pelos convênios e o convite para coordenar a Pneumologia Sanitária na Secretaria da Saúde do Ceará, juntamente com as atividades que eu já desenvolvia no Hospital de Messejana.

10. Hoje, passados mais de vinte anos, como você avalia a decisão tomada em 1988, quando fechou o seu consultório particular?

Paulo: Por algum tempo, apesar de não mais dispor de um consultório, ainda continuei a atender os clientes que me solicitavam a presença em suas residências. Desistir de minhas atividades na clínica privada, talvez não tenha sido uma decisão acertada. Pois significou desistir de um projeto pessoal, implantado ao longo de treze anos, e que já me garantia uma razoável demanda de pacientes. E por que, talvez, a continuidade desse trabalho fosse uma atividade interessante a um médico atualmente aposentado do serviço público. Contudo, não vou chorar sobre o leite derramado.

** Entrevista conduzida por Marcelo Gurgel Carlos da Silva, publicada no livro “PORTAL DE MEMÓRIAS: Paulo Gurgel, um médico de letras”.*